



Podcast Rio Memórias

Ep 6 - A invenção do Rio africano

Roteiro

Locução (Gabi)

Locuções adicionais (Rodrigo)

Locuções adicionais (criança)

Áudios, ilustrações e efeitos sonoros

Entrevista Lucimar Felisberto

Gravações externas

Música

[INÍCIO DO EPISÓDIO 6]

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Na pasta Gravação externa, arquivo “01 Jamille em casa”]

Todos os arquivos de gravação externa estão editados, é só encaixar.

- Som de chave abrindo a porta e depois passos.
- Aos 5 segundos do arquivo, entra a música, e logo depois a locução.

[MÚSICA] 1

Tema minimalista que depois vai se transformar no tema de abertura.

[LOCUÇÃO]

Oi. Hoje é dia de sair de casa e caminhar pelo Rio de Janeiro.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Sobe um pouco o som dos passos.

[LOCUÇÃO]

Esse som que você tá ouvindo é real. É a Jamille Bullé, a nossa produtora, saindo pra te levar num passeio muito simbólico.



[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Som da porta fechando.

Depois disso o som ambiente vai baixando bem devagar no fundo das locuções até chegar no clipe.

[LOCUÇÃO]

Ao longo da temporada, a gente explorou a relação da cidade com o Oceano Atlântico. E é claro que essa relação se estende até a outra margem: a África. Um vínculo marcado pela dor, mas também pela resistência, pela reinvenção, pela memória.

[LOCUÇÃO]

A gente conheceu os portos africanos, a travessia dos escravizados nos porões dos navios, os pontos de desembarque no Rio, e até a aventura de quem fez o caminho de volta pra casa. Você lembra, né?

[MÚSICA] 1

Virada na música.

[ÁUDIO]

[Na pasta Ilustrações, arquivo “Clipe abertura”]

O arquivo está pronto, é só encaixar, e a trilha continua no fundo.

- Thiago André: Imagino que não existia um lugar mais horrível em toda a criação do que o porão de um navio negreiro.

- Eduardo Possidônio: Esse é um momento de grande incerteza. Essa civilização chega pós essa passagem degradante. Mas esse pós existiu. E essas pessoas se reinventaram.

- Som de portão abrindo.

- Martha Abreu: A liberdade no Rio de Janeiro do século 19 era negra.

- Monica Lima: Muitos grupos saindo aqui do Rio de Janeiro, e eles vão pra diferentes partes da África. São histórias extraordinárias.

[LOCUÇÃO]



Durante cinco séculos, o Atlântico e a África marcaram a cidade de maneira profunda. E não foi só uma **influência** cultural. Foi de fato a **formação** do Rio como a gente conhece hoje. Não faz sentido pensar na alma carioca sem pensar nos africanos, nas africanas e nos seus descendentes.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Na pasta Gravação externa, arquivo “02 Jamille saindo”]

No fundo da locução, fica o som ambiente que está na primeira parte do arquivo.

[LOCUÇÃO]

É por isso que a Jamille tá indo pra um dos lugares onde essa presença é mais notável. Ela vai acompanhar um passeio do Rio Memórias com estudantes, num pedaço do Centro do Rio que a gente já citou várias vezes aqui no podcast.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Na pasta Gravação externa, arquivo “02 Jamille saindo”]

Sobe o som aqui:

- Jamille: E aí, Gabi? Tô aqui saindo de casa agora. Hoje eu vou me infiltrar num passeio escolar do Rio Memórias na Pequena África. Tô indo pra lá agora. Daqui a pouco eu te chamo então, beleza?

O som ambiente vai sumindo lentamente no fundo das duas locuções, até a virada na música.

[LOCUÇÃO]

Beleza, Jamille, combinado. A Pequena África é uma região na zona portuária que abrange os bairros da Saúde, da Gamboa, do Santo Cristo... é uma espécie de endereço histórico da comunidade afro-brasileira. Ali fica o Cais do Valongo, a Pedra do Sal, o Largo de São Francisco da Prainha... não tem lugar melhor pra gente entender a invenção do Rio africano.

[LOCUÇÃO]

Mas segura a ansiedade aí, porque a Jamille ainda tá a caminho. Enquanto ela não chega, eu quero te contar umas histórias - e eu sei que você gosta de ouvir histórias, né?



[MÚSICA] 1

Virada para o tema de abertura.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, e esse é o episódio final da temporada Rio Atlântico, inspirada na galeria do nosso museu virtual em riomemorias.com.br. Se a cidade foi forjada pelo mar durante mais de 500 anos, hoje a gente vai encontrar os sons, as imagens, os sabores e até as palavras que saíram da África, cruzaram o oceano e se instalaram por aqui.

[MÚSICA] 1

A música fica um pouco, sem pressa.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 1: De onde vem a nossa voz?

[LOCUÇÃO]

A nossa viagem hoje começa com um elemento fundamental na cultura de diversos povos africanos: a oralidade. Várias histórias que você escutou nos episódios anteriores só chegaram até a gente graças à tradição oral. E nesse processo os idiomas vão se entrelaçando. A nossa língua, claro, é o português, com origem no latim. E até o Nei Lopes, um mestre das palavras, já brincou com isso numa canção.

[ÁUDIO]

https://www.youtube.com/watch?v=9F01XR_lUnw

[19:38]

A música vai surgindo no fundo da locução anterior e sobe o som aqui:

O caboclo Rui Barbosa de mim desincorporou.

Vade retro, alter ego! Ite dominus missa est

Vôte, persona non grata! Modus in rebus, ô peste!

Ab origine, spiritu tuum! Ex libris, qüiproquó!

Revertere ad locum! Olha o teu status quo!

A locução entra por cima do intervalinho da música:

[LOCUÇÃO]



Entendeu tudo?

[ÁUDIO]

E eu que já era um mestre consagrado

Fui então chamado de Doutor Bebum

A partir daqui a música fica no fundo da locução. Vai subir o som num ponto específico.

[LOCUÇÃO]

Essa é uma apresentação do Nei Lopes no programa Todas as Bossas, da TV Brasil, em 2019. Na música “Águia de Haia”, ele conta a história de um personagem que é possuído pelo espírito do jurista Rui Barbosa e desanda a falar juridiquês com termos em latim. Bem nesse trecho que a gente ouviu, o espírito abandona o homem.

[ÁUDIO]

Sobe o som aqui:

Águia de Haia, Rui Barbosa 171!

Encerra a música logo depois desse verso quando tem a pausa no instrumental.

[LOCUÇÃO]

O Nei Lopes se diverte com o latim, mas o olhar dele sempre esteve voltado pra outros idiomas no lado de lá do Atlântico. Como a gente já contou aqui nessa temporada, ele é autor da Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana e do Novo Dicionário Banto do Brasil, uma obra pioneira na investigação das línguas da África. Você já parou pra pensar sobre a origem das palavras que você fala no dia a dia?

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

[Na pasta Locuções, arquivo “Clipe palavras 01”]

Os arquivos de “Clipe palavras” estão prontos.

Ginga. Dengo. Cafuné. Caçula. Sapeca. Borocoxô. Cochilo.

[LOCUÇÃO]

O português do Brasil é um idioma contagiado pelas expressões de origem banto. A **ginga**, que a gente tanto usa pra descrever o brasileiro, vem do banto. O significado



original, que é o movimento relacionado à capoeira, extrapolou pra definir a nossa maneira de ser, o nosso jeito de lidar com as coisas.

[LOCUÇÃO]

E assim foram chegando palavras de origem africana com uma conotação afetiva. O **dengo**, que tem sentido de aconchego. O **cafuné**, que remete ao carinho na cabeça. O **caçula**, que identifica o irmão mais novo. Se não fosse a influência africana, a gente chamaria o irmão mais novo de **benjamin**, como fazem os portugueses. A gente usaria **dormitar**, em vez de **cochilar**. Não é mais gostoso falar do nosso jeito?

[MÚSICA] 2

Tema de transição de capítulo. Começa minimalista acompanhando as locuções.

[LOCUÇÃO]

E ainda tem todo um vocabulário sacralizado, que tá até hoje no nosso cotidiano associado às religiões de matriz africana.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

[Na pasta Locuções, arquivo “Clipe palavras 02”]

Candomblé. Orixá. Macumba. Batuque. Axé. Umbanda. Exu.

[LOCUÇÃO]

Mas não é só a incorporação de palavras. A **maneira** de se expressar também foi mudando. Essa africanização do português falado é o que a escritora, antropóloga e ativista Lélia Gonzalez chamou de **pretuguês**. O ritmo do discurso, a predominância das vogais, a ausência de algumas consoantes como o L e o R... tudo isso é influência dos idiomas africanos.

[LOCUÇÃO]

Aqui mesmo no podcast, você já reparou como eu falo? Cê não vai me ouvir pronunciando os Rs no fim dos verbos. É falá, pensá, escrevê. Por exemplo, eu acabei de falar “cê”, em vez de “você”. Eu falo “tá”, em vez de “está”. Reparou? Tudo isso a Lélia González já identificava como pretuguês.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]



[Na pasta Locuções, arquivo “Clipe palavras 03”]

As palavras começam a surgir no fundo da locução da Gabi.

Gangorra. Bambolê. Caçamba. Muvuca.

Sobe o som aqui:

Marimbondo. Fofoca. Bagunça. Moleque. Bunda

A partir daqui volta para o fundo da locução.

Maluco. Lambança. Pindaíba. Chilique. Maracutaia. Camundongo. Gororoba.

Quitanda.

[LOCUÇÃO]

E agora que a gente já entendeu melhor a presença africana na nossa oralidade, vamos mudar de assunto, porque olha... eu não sei se você tá com fome... mas chegou a hora de falar de comida.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Sobe o som aqui:

Farofa. Moqueca. Pamonha. Cachaça. Fubá.

A partir daqui, as palavras ficam no fundo da locução de capítulo e da locução da Gabi, sumindo lentamente:

Jiló. Quiabo. Quitute. Pinga. Dendê. Birita.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 2: Os sabores e os sons.

[LOCUÇÃO]

Quando a gente pensa na invenção do Rio e do próprio Brasil como uma nação, é óbvio que as elites miravam nos modelos europeus. Mas a criação de uma identidade nacional também passava por um movimento de se afastar desses modelos.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[9:14 a 9:21]

E aonde você vai buscar as pessoas que estavam trabalhando com essa perspectiva? A classe popular.



[LOCUÇÃO]

Opa, deixa eu dar as boas-vindas pra nossa convidada de hoje.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[1:03 a 1:11]

Então, eu sou a Lucimar Felisberto dos Santos. Sou historiadora de formação. Sou militante do Movimento Negro Unificado.

[LOCUÇÃO]

A professora Lucimar trabalha na rede municipal em Duque de Caxias e Magé, na Baixada Fluminense, além de ser pesquisadora do grupo Elos e comunicadora social da plataforma educacional Afro Diálogos. Como ela tava dizendo, a criação de uma identidade nacional passou pela classe popular.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[9:38 a 10:08]

Foi ela que se constituiu cultura brasileira, porque precisávamos ter uma cultura que se chamasse nacional. Então, por conta disso que os ritmos, as danças, sobretudo dos africanos e afro-brasileiros, elas foram pegando esse lugar, esse patamar de representante da nação brasileira. Não só isso, como a comida. Que outra comida iria representar o povo brasileiro, senão uma comida popular?

[10:27 a 10:41]

Era uma questão mesmo de se inventar uma nação. A gente sabe que as nações são inventadas, mas para se inventar a nação brasileira, se recorreu a esses signos e símbolos populares.

[LOCUÇÃO]

A gastronomia é um ponto central dessa invenção. A gente já falou bastante nessa temporada sobre as quitandeiras que se espalhavam pelo Rio de Janeiro nos séculos 18 e 19. Essas mulheres trouxeram pro Brasil não só alimentos tipicamente africanos, mas também os modos africanos de preparar a comida. E esses elementos tão aí até hoje.

[ÁUDIO]

[Na pasta Ilustrações, arquivo “Yabás - entrevista Jane”]



- Jane: Meu nome é Jane, considerada a mulher jiló. Que não é de amargar.

[LOCUÇÃO]

Essa é a Jane Pereira, que vende jiló frito, num vídeo produzido pelo jornal O Globo em 2018.

[ÁUDIO]

- Jane: Aí eu faço aqui há mais de 20 anos. Aí eu transformei isso num jiló que não fosse de amargar, que caísse na boca do povo, entendeu? Depois você vai provar.

[ÁUDIO]

[Na pasta Ilustrações, arquivo “Yabás - Marquinhos cantando”]

A música começa a surgir no fim da fala da Jane e fica no fundo da locução da Gabi. Vai subir o som num ponto específico depois da locução.

[LOCUÇÃO]

A reportagem foi feita na Feira das Yabás, que acontece no segundo domingo de cada mês, num bairro onde eu morei durante muito tempo: Madureira, na Zona Norte do Rio. Enquanto a Jamille não chega na Pequena África, vamos dar uma passadinha na feira?

[ÁUDIO]

[Na pasta Ilustrações, arquivo “Yabás - Marquinhos cantando”]

Sobe o som em 0:37

Depois vem a pergunta, e a resposta é pra já

Todo segundo domingo o que é que tem?

Feira Yabás

Depois fica no fundo das locuções sumindo lentamente até se misturar com o jongo

[LOCUÇÃO]

Quem tá cantando é o sambista Marquinhos de Oswaldo Cruz, que criou esse encontro em 2008. É um evento gastronômico e musical que foi reconhecido em 2023 como patrimônio cultural imaterial do município. Um ótimo lugar pra encontrar várias manifestações afro-brasileiras, como o samba e o jongo.



[ÁUDIO]

[Na pasta Ilustrações, arquivo “Yabás - Jongo”]

Ó, vem, jongueiro, de Piraí e Pinheiral.

Sou candongueiro, me chamam, tenho que ir.

Ó, vem, jongueiro, Santa Rita.

Quando começa o batuque, deixa um pouco, sem pressa, e depois fica no fundo das locuções, vai sumindo bem lentamente.

[LOCUÇÃO]

Essa é uma apresentação recente do Jongo da Serrinha na Feira das Yabás. O jongo é uma dança que se faz em roda, com tambores e cantos. A preservação se deve muito ao Jongo da Serrinha, fundado na década de 1970 pela lendária Vovó Maria Joana Rezadeira, e pelo filho dela, o Mestre Darcy do Jongo.

[LOCUÇÃO]

A maior expoente foi Maria de Lourdes Mendes, a Tia Maria, uma das primeiras moradoras do Morro da Serrinha no início do século 20, quando Madureira ainda era uma área rural.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=Dgl41IAwepI>

[0:08]

- Tia Maria: Boa noite, gente, olha o jongo aí. Quero todo mundo na roda, hein. Vamos todo mundo jogar.

A locução entra no intervalinho, antes de ela começar a cantar.

[LOCUÇÃO]

Essa é a Tia Maria.

[ÁUDIO]

- Tia Maria cantando:

Tava dormindo, quando ngoma me chamou.

Tava dormindo, quando ngoma me chamou.

Levanta nego, o cativeiro se acabou.

Levanta nego, o cativeiro se acabou.



Quando as mulheres começam a cantar, fica no fundo da locução.

[LOCUÇÃO]

Foi numa roda do Jongo da Serrinha em 2011 no Cordão do Bola Preta, registrada pelo canal Cultne TV, que se dedica à cultura negra.

[ÁUDIO]

Sobe mais um pouquinho do som. Depois fica no fundo das locuções e vai sumindo lentamente.

[LOCUÇÃO]

A Rainha do Jongo morreu em 2019, poucos dias depois de receber o prêmio “Sim à igualdade racial” num palco do Copacabana Palace. O legado dela tá aí até hoje, e a Feira das Yabás é um dos redutos dessa tradição.

[LOCUÇÃO]

Aliás, já que a gente tava falando sobre as palavras, “yabás” tem origem no yorubá e significa o conjunto dos orixás femininos das águas. Um símbolo do matriarcado que acabou se tornando um cargo fundamental no âmbito do candomblé: a labassê ou Yabá, que faz o trabalho na cozinha. Então nada mais justo que as barraquinhas espalhadas pela Praça Paulo da Portela pra agradecer a contribuição das tias baianas e das quitandeiras.

[MÚSICA] 3

Tema de transição de capítulo.

[LOCUÇÃO]

Uma herança gastronômica que não para por aí.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[40:01 a 40:07]

O Angu do Gomes, por exemplo, outros dias a gente fez uma atividade na escola e falou, vamos almoçar onde? Vamos almoçar no Angu do Gomes.

[LOCUÇÃO]



O Angu do Gomes é um restaurante no bairro da Saúde, no Centro do Rio, mas a marca surgiu há quase sete décadas, com o imigrante português Manuel Gomes. Ele teve a ideia de vender o angu à baiana, com miúdos de porco, em latas de tinta. As carrocinhas de angu tomaram a cidade na segunda metade do século 20. Foi a continuidade de uma prática que vinha desde o século 19, com as mulheres que serviam os angus na rua ou nas casas de zungu, que a gente já visitou aqui nessa temporada. Um Rio de dois séculos atrás que segue muito vivo em regiões como a Pequena África.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Arquivo “03 Jamille chegando”]

No fim da fala da Gabi já começa a aparecer o som ambiente no início do arquivo. E fica no fundo das falas até subir o som mais adiante.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[40:10 a 40:26]

A Pequena África sendo um lugar de visitação de muitos estudantes e vão sendo pensados em constituir lugares de memória em todo o Brasil. Não só de memória negra, mas de memória de diversas outras tradições.

[LOCUÇÃO]

Falando em Pequena África e estudantes, chegou a hora de reencontrar a Jamille.

[MÚSICA] 3

Virada na música.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 3: O coração do Rio africano.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Arquivo “03 Jamille chegando”]

- Jamille: E aí, Gabi? Cheguei aqui na região da Pequena África. Me infiltrei entre os estudantes no passeio do Rio Memórias. Vou desbravar com eles aqui essa área. Tô com a Raquel e com a Alice nessa jornada. E daqui a pouco eu te chamo, beleza? *Depois o som ambiente fica no fundo da locução e vai sumindo lentamente.*



[LOCUÇÃO]

Beleza. A Raquel Oliveira e a Alice Meireles são as guias da oficina Rolé dos Estudantes, esse passeio que o Rio Memórias faz em parceria com as escolas. Para se inscrever é só entrar em riomemorias.com.br e ir na aba “Para escolas”.

[LOCUÇÃO]

Um dos roteiros é nessa região hoje conhecida como Pequena África, que ao longo dos séculos viu nascer o samba, viu as quitadeiras vendendo suas comidas, viu as casas das tias baianas. E aqui a gente não tá falando só sobre comida e música. A gente tá falando sobre ocupação do espaço público com consciência racial.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[13:55 a 14:09]

A gente tem a imagem da Tia Ciata, como aquela mulher que organizou o samba no Rio de Janeiro. Mas muitos estudos sobre as quitadeiras mostram que elas também eram articuladoras em seus lugares de atuação.

[15:01 a 15:26]

Além de estarem na rua, elas administravam, orquestravam várias situações sociais que acabavam por oferecer esse acolhimento, essa proteção e, em última instância, alforria para muitas pessoas. Eram redes de solidariedade que havia nas ruas do Rio de Janeiro.

[16:09 a 16:27]

Elas tinham certa autonomia para estar negociando as suas mercadorias e sempre ocupando esse espaço da rua como grandes escritórios a céu aberto, essa imagem é boa, é, de pensar assim.

[MÚSICA] 4

Tema para acompanhar as locuções e entrevistas.

[LOCUÇÃO]

O espírito associativo da população negra sempre marcou essa região no Centro do Rio. Pessoas que vieram de diferentes nações africanas eram acolhidas nos zungus, compartilhavam saberes, trocavam informações sobre os seus ofícios...



[LUCIMAR FELISBERTO]

[7:35 a 8:02]

E vendo que as pessoas tinham uma habilidade de ferreiros, trabalhavam com madeiras, talhavam a madeira. Então, são conhecimentos ancestrais que eles carregaram em suas malas, porque a gente sabe que essas experiências culturais de aprendizado, o saber é uma coisa que está conosco. Então, foram reproduzidos aqui no Brasil ao longo do período colonial, imperial.

[LOCUÇÃO]

Um exemplo dessa bagagem cultural são os símbolos Adinkra que estão em grades e portões da cidade até hoje. Eles também são uma espécie de escrita, porque cada símbolo tem o seu significado.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[44:15 a 45:13]

Assim como os hieróglifos egípcios e gregos guardavam toda uma narrativa na sua imagem, as adinkras também fazem isso. Elas têm uma narrativa a ser contada. E voltando para o Rio de Janeiro, quando a gente olha nos prédios antigos, a gente consegue identificar muitas formas de adinkras que eram feitas, que eram feitas pelos ferreiros e deixaram suas marcas nas construções do Rio de Janeiro. Então, acho que isso também é muito importante para a gente que conhece as adinkras prestar um pouco atenção nisso que permaneceu ainda, que foi o registro, que sim, os africanos tinham uma escrita, essa é a que a gente conseguiu resgatar, mas tem outras, mas que é legal a gente prestar atenção nessa... nas adinkras.

[LOCUÇÃO]

Você, que tá ouvindo: você já viu por aí alguma grade de ferro com um símbolo que parece um coração? É uma das representações do Sankofa, um símbolo Adinkra que a gente já citou algumas vezes aqui no Rio Memórias.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[45:28 a 45:46]

São muitos, o Sankofa é o mais conhecido, mas são muitos, e é muito importante, nessa caminhada que se faz pelo Rio de Janeiro, a procura de legados ancestrais, prestar atenção nas figuras que aparecem nas ferragens.



[LOCUÇÃO]

Aliás, quando você terminar de ouvir, dá uma olhada na descrição do episódio aí no seu aplicativo, que tem um link do Ipeafro, o Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros, com vários símbolos Adinkra pra você conhecer os significados. E toda vez que você se deparar com o Sankofa num portão ou numa grade, você vai lembrar que essa é uma marca africana na paisagem urbana carioca.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[8:07 a 8:28]

Porque assim, a mão de obra era escrava, a mão de obra era negra. Então, nada mais comum do que esses artefatos terem sido construídos por quem de fato tinha habilidade. A gente pode falar em expertise, pode falar em know-how, mas a questão é habilidade, quem tinha habilidade.

[LOCUÇÃO]

Habilidade é o que não falta. Em todas as áreas. Quer um exemplo?

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Arquivo “04 Jamille Mercedes estátua”]

O som ambiente no início do arquivo já vai aparecendo desde o fim da fala da entrevistada.

- Jamille: A gente acabou de chegar aqui no Largo de São Francisco da Prainha. Tô aqui de frente pra aquela estátua da Mercedes Baptista. Se o pessoal não tá familiarizado com a figura da Mercedes, é aquela estátua de uma mulher dançando de turbante e com os panos, né, de moda africana. E ela foi a primeira bailarina negra a integrar o corpo de baile do Theatro Municipal do Rio. Isso foi em 1948, olha que legal. Baita homenagem, né, merecida.

O som ambiente fica no fundo da locução sumindo lentamente.

[LOCUÇÃO]

Mercedes Baptista nasceu em 1921, em Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio. E além desse feito de ter sido a primeira bailarina negra no Theatro Municipal, ela foi a grande responsável por consolidar, em meados do século 20, a identidade da dança afro-brasileira.



[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=xx8TrK-wZq8>

[22:30]

Deixa um pouco da música, sem pressa, depois fica no fundo da locução.

[LOCUÇÃO]

Esse é um registro do Balé Folclórico Mercedes Baptista, na década de 1970. No filme “Balé de Pé no Chão”, dirigido em 2005 por Lilian Solá Santiago e Marianna Monteiro, a própria Mercedes, já com mais de 80 anos, conta várias histórias. Como no dia em que ela própria fez a primeira sapatilha de pano pra usar no balé... uma sapatilha que não durou muito tempo...

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=x9CMU4aayjU>

[4:20 a 4:32]

Aqui sai o batuque do vídeo anterior e entra essa fala dela.

Mercedes: Eu cheguei em casa, arranjei um pedaço de pano e fiz uma pra mim ensaiar. Levei, fui de sapatilha. Só durou um dia só.

[LOCUÇÃO]

O legado da Mercedes Baptista tá na nossa arte até hoje.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Arquivo “05 Jamille Mercedes guia”]

O começo do arquivo vai surgindo no fundo da locução e sobe o som aqui:

- Raquel: Ela vai trazer os orixás, o jazz moderno, técnicas ocidentais e africanas, afro-brasileiras juntas, formulando uma nova dança. Por isso ela tá retratada ali na estátua com aquela pose, com aquelas roupas, que as pessoas às vezes pensam que é uma tia baiana, que é uma africana, mas é uma bailarina clássica que também é uma bailarina de dança afro-brasileira.

No som ambiente entra a locução:

[LOCUÇÃO]



Essa é a Raquel falando com o grupo de estudantes ali em frente à estátua no Largo de São Francisco da Prainha.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Jamille: Eu vou voltar lá pra continuar ouvindo o que a Raquel tá contando e daqui a pouco eu te chamo de novo, tá bom?

- Raquel: Outra coisa que a gente vê aqui interessante, gente, é que aqui no número 13 do Largo da Prainha, a gente teve uma casa de zungu, que era essa casa onde várias pessoas pretas estavam abrigadas sob a proteção de uma tia baiana.

A partir daqui fica no fundo da locução e vai sumindo lentamente.

[LOCUÇÃO]

As roupas e o turbante na estátua da Mercedes Baptista também são uma estética que cruzou o oceano. O jeito de amarrar os tecidos, a combinação de cores, os adornos. Tudo isso já tava presente lá atrás. Mesmo numa época em que a identidade era arrancada à força.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

O comerciante veio e capturou todos nós, nos fez todos prisioneiros, e nos levou para a costa.

[LOCUÇÃO]

Ouve só esse relato de 1849, de um homem chamado Augustino. Ele foi escravizado e fez a travessia do Atlântico, de Moçambique pro Brasil, quando tinha 12 anos. Aos 31, ele prestou um depoimento na Câmara dos Lordes britânica, sobre as condições do navio. Olha o que ele fala sobre as roupas.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Nós ficamos lá por uma semana ou 10 dias, quando fomos colocados a bordo no navio. As roupas de todos os negros a bordo foram tiradas. Até o último pano.

[LOCUÇÃO]

No Brasil, os escravizados recebiam as vestes mínimas pra trabalhar. Mas muitas vezes conseguiam subverter esse apagamento fiando as próprias roupas. Ou do jeito que dava...



[LUCIMAR FELISBERTO]

[18:56 a 19:27]

A gente pensa na realidade da escravidão, naquela outra temporalidade, de uma maneira muito descolada da temporalidade de hoje. Por isso que a gente às vezes se espanta quando vê, por exemplo, entre as minhas pesquisas, eu encontrei uma escravizada que rouba o dinheiro da patroa, da proprietária, e vai comprar um corte de fazenda para fazer uma roupa para o seu amásio.

[LOCUÇÃO]

O amásio é o companheiro, o namorado. Eles iam participar de um evento, e pra ela era importante que ele fosse bem vestido.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[19:31 a 20:00]

Pela leitura da documentação se entende que eles tinham uma festa para ir e ela queria que o amásio fosse com a roupa nova. Essas são expectativas que nós temos hoje e que fazem parte do universo do ser humano, que a gente pode ler a documentação do século 19, imaginando que também aquelas pessoas tinham de estar melhor vestidas em determinadas situações, de marcar seu status social a partir da vestimenta.

[LOCUÇÃO]

E até hoje a gente se arruma, se enfeita, cuida da roupa, do penteado. Desde as estratégias funcionais, como as mulheres dobrando os tecidos no corpo pra esconder objetos de valor, ou guardando sementes nas tranças, até o próprio simbolismo do cabelo pras pessoas negras.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=a95qlubA040>

[0:20 a 0:30]

- Gabriela Isaías: O cabelo recobre a cabeça, o ori. E é aqui que a gente tem o axé, a força vital.

[LOCUÇÃO]



Aqui mais uma palavra pra gente aprender: o ori é o termo de origem iorubá que significa cabeça, mas não só a cabeça fisicamente, tem um sentido de essência do ser. E essa que você ouviu é a fotógrafa e pesquisadora Gabriela Isaías, no vídeo *Cabelo é Poder*, do Canal Preto. A Gabriela estuda estética na diáspora africana.

[ÁUDIO]

[0:53 a 1:02]

- Gabriela Isaías: Não à toa nós não deixamos qualquer um tocar no nosso cabelo. Quando a gente recebe cafuné, geralmente é de uma pessoa querida, que a gente gosta.

[LOCUÇÃO]

Agora conta aqui pra mim: quando cê ouviu a Gabriela falando cafuné, cê lembrou do começo do episódio? Pois é, a África tá nas palavras. Inclusive nesse tema que a gente tá tratando agora, o vestuário.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

[Na pasta Locuções, arquivo “Clipe palavras 04”]

Miçanga. Patuá. Balangandã. Mochila. Abadá.

[LOCUÇÃO]

A herança tá na roupa. No cabelo. Na música.

[LOCUÇÃO]

No samba.

[ÁUDIO]

[Na pasta ilustrações, arquivo “Samba Pedra do Sal”]

Começa junto com as locuções anteriores e sobe o som em 0:17:

Quando eu não puder pisar mais na avenida

Quando as minhas pernas não puderem aguentar

Levar meu corpo junto com meu samba

O meu anel de bamba entrego a quem mereça usar

Depois disso fica no fundo da fala e vai sumindo lentamente.



[LOCUÇÃO]

Esse é o tradicionalíssimo samba da Pedra do Sal, que arrasta um mar de gente pra Pequena África de sexta a segunda.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Arquivo “06 Jamille Pedra do Sal”]

- Jamille: Oi, Gabi. Chegamos aqui na Pedra do Sal. Tem várias referências, vários murais. Arlindo Cruz, tem o mural da Tia Ciata. Então é uma história bem interessante aqui. E era um espaço pra difusão cultural afro-brasileira e isso continua até hoje, porque aqui na Pedra do Sal acho que boa parte da galera que tá ouvindo conhece esse samba aqui. E é isso, um pouco dos valores que ainda são perpetuados até hoje.

- Raquel: Aqui a região tem esse nome Pedra do Sal por conta da pedra, mas também porque aqui era um pequeno porto, um pequeno trapiche que recebia todo o sal que abastecia a cidade do Rio de Janeiro.

Depois disso fica no fundo da locução.

[LOCUÇÃO]

Em 2005 a Pedra do Sal ganhou da Fundação Palmares a certificação de quilombo urbano. Era uma reivindicação que vinha desde o século 19, e aliás continua até hoje, porque a comunidade ainda luta pela titulação efetiva do terreno. Isso tem acontecido com muitas populações tradicionais no Rio e no Brasil inteiro.

[LUCIMAR FELISBERTO]

[36:35 a 37:06]

A gente vive num momento de resgate da valorização da ancestralidade negra e também afro-indígena muito interessante, que assim, para além da gente ainda poder identificar saberes que navegaram desde a África até aqui, a gente está num momento que as pessoas entenderam que isso é um elemento importante.

[37:36 a 37:46]

Que as pessoas estão se apropriando de uma forma muito potente de todos esses seus saberes ancestrais.

[38:06 a 38:19]



Começou um movimento muito bonito deles, principalmente dos quilombolas, quando eles começaram a ser alvo de estudos de pesquisas de acadêmicos variados. Não fale de nós sem nós.

[LOCUÇÃO]

Ali na Pequena África, viveram ou circularam figuras essenciais da nossa história, como Machado de Assis e João da Baiana - só pra citar dois gênios, da literatura e da música. Um lugar que reúne construções fundamentais pra nossa memória, como o Cais do Valongo e o Cemitério dos Pretos Novos. E como não dá pra falar dos quilombolas sem ouvir os quilombolas, como lembrou a professora Lucimar, vamos ouvir a Marilúcia Luzia, quilombola da Pedra do Sal, num depoimento ao canal SOS Brasil Soberano em 2017.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=GGBE1CnmYd4>

[0:43 a 1:09]

- Marilúcia Luzia: Nós costumamos dizer que o Cais do Valongo vem a ser um símbolo. Ali era o cais, ali chegavam os negros e ali eram distribuídos. O Cemitério dos Pretos Novos é um cemitério, ali ficavam os mortos, né? E aqui na Pedra do Sal estão os descendentes de escravos vivos. Que somos nós. Então essa nossa preservação de memória e essa nossa resistência viva é muito importante.

[MÚSICA] 4

Tema minimalista para acompanhar a última parte.

Depois se transforma na trilha de encerramento.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Arquivo “07 Jamille Cais do Valongo”]

O som ambiente já se mistura no fim da fala da Marilúcia, para a transição ficar mais suave. Quando acabar a fala, entra a música e fica um pouco junto com o som ambiente, sem pressa, antes de começar a fala da Jamille.

- Jamille: Gabi, mais uma vez batendo ponto aqui no Cais do Valongo, a gente já veio algumas vezes aqui. Hoje eu tô aqui com os estudantes, né, no passeio do Rio Memórias, desta vez não vim sozinha.

A locução da Gabi entra no intervalo por cima do som ambiente.



[LOCUÇÃO]

E essa vai ser a última parada na caminhada da Jamille pela Pequena África.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Jamille: E hoje eu queria destacar uma parte que eu acho que a gente ainda não falou. Tem um monumento aqui no Valongo que representa os diferentes povos que vieram da África e desembarcaram aqui. O Cais do Valongo foi o porto com o maior número de desembarques de escravizados no Brasil. E aqui tem um monumento que mostra pessoas carregando uma bagagem e aqui é uma bagagem simbólica né. São esses valores que a gente falou ao longo desse episódio de hoje. São os saberes, são as crenças. Então essa obra destaca isso. E o mais bonito é que quando você se distancia um pouquinho dela, você vê o formato do continente africano. Então é uma obra muito bonita, muito legal aqui no Cais do Valongo. Eu espero que você tenha gostado de acompanhar essa jornada aqui pela Pequena África. Eu com certeza gostei. E eu passo a bola pra você, Gabi. Um beijo, e até a próxima.

O som ambiente continua e vai sumindo lentamente, sem pressa.

[MÚSICA] 4

Virada na música.

[LOCUÇÃO]

Eu quero agradecer à Jamille, que levou a gente pra conhecer um lugar tão especial, e à professora Lucimar Felisberto, que ajudou a gente a entender melhor a invenção do Rio africano. Também quero agradecer a você, que me acompanhou ao longo de toda a temporada Rio Atlântico.

[LOCUÇÃO]

Você gostou? Deu pra perceber melhor a relação da cidade com o oceano? Olha, eu acho que, na próxima vez que você for à praia, você vai olhar pro mar e vai lembrar que, lá do outro lado, tem muita história. Uma história que também é nossa.

[MÚSICA] 4

Virada na música.



[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, historiadora e apresentadora do podcast. Entra lá no nosso museu virtual em riomemorias.com.br, tem muito conteúdo pra você explorar nas galerias. Se você ouve no Spotify, deixa um comentário. E marca a gente no instagram, a @ é [riomemorias](https://www.instagram.com/riomemorias).

[LOCUÇÃO]

A realização dos episódios é da produtora Escuta Aqui. O Rodrigo Alves é o responsável pelo roteiro, pela coordenação e pelas locuções adicionais.

[LOCUÇÃO] Opção 1

O Thales Ramos faz a supervisão de roteiro. E o filhinho dele, o Theo, foi quem gravou pra gente as palavras de origem africana ao longo do episódio. Não ficou fofo? Obrigada, Theo!

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Obrigado, tia Gabi (ou algo parecido rs)

[LOCUÇÃO] Opção 1

(Gabi responde pro Theo)

[LOCUÇÃO] Opção 2

O Thales Ramos, que faz a supervisão de roteiro, hoje também entrou na locução. Foi ele que gravou as palavras de origem africana ao longo do episódio.

[LOCUÇÃO]

Quem faz toda a montagem, a edição e as sonorizações é a Clara Costa, com a assistência da Giovanna Orsini. Hoje você ouviu bastante a voz da Jamille, e também foi ela que gravou a entrevista com a professora Lucimar no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. As minhas locuções foram gravadas no estúdio Frango no Bafo, em Belo Horizonte.

[LOCUÇÃO]



A trilha sonora do Rio Memórias é original, toda composta pelo Gabriel Falcão. E as pesquisas dos episódios são feitas pelo historiador Davi Aroeira.

[LOCUÇÃO]

Obrigada pela companhia, e até mais!

[PATROCINADORES]

Essa temporada do podcast foi patrocinada pelo Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, e pelas empresas Norsul, Modal, Impulso e Kasznar Leonardos. Obrigado!

[FIM DO EPISÓDIO]